

## A grande peleja de sua Santidade

Cancão de fogo

Ordep José Trindade Serra

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SERRA, OJT. *O Encantamento de sua santidade: canção de fogo* [online]. Salvador: EDUFBA, 2006. 114 p. ISBN 85-232-0424-5. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

A grande peleja de sua Santidade  
**Cancão de fogo**



*(Narrada por ele mesmo  
a um poeta cachoeirano  
através de uma bela garrafa)*



# I

O espanto começa aqui.  
Cheguei a sua cancela!  
Confirma-se pelo raio  
De minha pássara estrela.  
A minha melhor passagem  
Se deve a senhora bela.

Viúva ela se sentia  
Com seu esposo do lado  
Que já pra nada servia  
Na condição de casado  
Vivia a pobre de luto  
Chorando um pinto gelado.

Assim que fiquei sabendo  
Daquela calamidade  
Ainda mal conhecida  
Do povaréu da cidade  
A dama fui procurar  
E ofereci caridade.

A moça ficou alegre  
Mostrou-me sua gratidão.  
Mas não tardou a falar-me  
Com verdadeira aflição.  
Provou que por seu marido  
Tinha consideração.

Resolvida a ser sincera  
Ao gajo ela perguntou  
Se tinha alguma doença  
Ou já lhe perdera amor  
Porque na gostosa cama  
Nunca mais a procurou.

O marido era homem forte  
Poderoso fazendeiro  
Tinha peões empregados  
Tinha sacas de dinheiro  
Mas andava ultimamente  
Encorujado e banzeiro.

Quando foi questionado  
Abriu a boca no choro  
Disse à mulher que a amava  
Acima de seu tesouro  
Mas, na aflição que vivia  
Não podia dar no couro.

Confessou-lhe, finalmente:  
“Estou preso pelo rabo!  
Na ganância escorreguei  
Como em baba de quiabo.  
Para ter minha riqueza  
Fiz um trato com o Diabo.

“Ele fez a sua parte!  
Pode-se verificar:  
Deu-me terras e riquezas  
Já difíceis de contar  
Mas no fim desta semana  
Minh’ alma virá buscar.”

A senhora, recordando  
A triste revelação  
Que o marido lhe fizera  
Chorava de compaixão  
E uma súplica me fez  
Ajoelhada no chão.

“Querido Cancão de Fogo  
Sinto dor na consciência...  
Tenho pena do infeliz  
Nessa horrível contingência.  
Vim lhe pedir que o ajude  
Com a sua inteligência!”

Agora veja você  
A classe do meu transtorno:  
Em nome do pão-de-ló  
Quase me cozo no forno!  
Por devoção à mulher  
Cismeï de ajudar o corno.

De fato, com aquela moça  
Fiquei muito admirado:  
Mostrava ter lealdade  
A um homem desesperado.  
Senti grandeza de alma  
Num coração delicado.

Atender a seu pedido  
Prometi que tentaria  
(Por amor estimulado  
Que ela muito merecia)  
Desde quando o seu esposo  
Fizesse o que eu lhe diria.

O tipo não discutiu:  
Os empregados chamou  
Deu-lhes terras e dinheiro  
Muitos pobres ajudou.  
A quem havia explorado  
Pediú perdão e pagou.

Vestindo tristes farrapos  
De forma nada bonita  
Sentado num tamborete  
Mostrando expressão aflita  
Na noite determinada  
Ele esperou a visita.

Na mesma sala fiquei  
Na cabeceira da mesa  
Com as belas vestes do homem  
Trajes de sua riqueza  
Anéis de ouro nos dedos  
Muitos sinais de grandeza.

O meu plano era bem feito...  
Porém teria falhado  
Se não fosse a boa sorte  
De um apoio inesperado  
Que me deu um preto velho  
Nesse dia libertado.

Enquanto eu me preparava  
Ele veio ter comigo  
E me deu um patuá  
Pra livrar-me do perigo  
Mais um laço especial  
Presente de bom amigo:

“Escute o que vou dizer  
Pois é de conveniência:  
Pra derrotar o Inimigo  
Não basta sua inteligência...  
Mas terá um grande apoio  
Porque mostrou consciência.



“Ao exigir que a meu povo,  
Se desse reparação,  
Multiplicou sua força:  
Expandiu seu coração.  
— Agora, pegue essas armas  
E siga minha instrução.

“Bote logo no pescoço  
Este belo patuá.  
Não tire a volta por nada  
Porque lhe protegerá.  
Se o Inimigo lhe ataca  
Este laço o prenderá.”

Ao velho eu agradeci  
Com mostras de meu respeito  
E na sala apavorada  
Esperei o mau sujeito  
Com meu baralho na mão  
E o bom patuá no peito.

Sentado num tamborete  
O fazendeiro tremia  
Com sua pele franzida  
De tanto que se encolhia  
Semelhando um caititu  
Todos os dentes batia.

Com pouco se deu ali  
Um tormentoso debate  
Que exige para contar  
Profundo talento e arte  
— Mas isso nosso leitor  
Verá na Segunda Parte.



## II

No zero da meia noite  
Uma soturna pancada  
Ouviu-se bater na porta  
Daquela sala fechada  
Como em tampa de caixão  
Quando soa a martelada.

Gritei logo: “Pode entrar  
Quem agora está chegando.  
Em nome de Deus eterno  
Vá logo se anunciando!”  
Rugido me respondeu:  
“Quem é que está me insultando?”

“Sou um Anjo glorioso  
Que gozo de independência!  
Nos acordos de Lusbel  
Não se invoca outra potência!  
Vim buscar o que me devem  
Resolver uma pendência.

“Não adianta conversa  
Pois estou documentado.  
Pela regra do direito  
Foi o trato combinado.  
Está tudo no papel  
Nos infernos registrado!

“Porém agora me diga  
Quem é Você, que me fala  
Com imprudência tamanha  
Sentado aí nesta sala  
... Enquanto que meu freguês  
Como um tratante se cala?

Eu dei uma gargalhada  
E disse, no mesmo instante:  
“Só posso rir da piada...  
De fato, é interessante  
— Alguém que não cumpre trato  
Chamar o outro tratante!

“No caso, sou eu quem pode  
Fazer a reclamação.  
Quem entra na minha casa  
Carece ter permissão  
... E trato com meu cativo  
Só dando-me explicação!

“Se ainda não me conhece  
Vou lhe mostrar num segundo  
A minha grande excelência  
E meu talento profundo  
Eu sou o Cancão de Fogo  
**Maior jogador do mundo!”**

Piscando os olhos vermelhos  
O tipo ficou parado  
Por fim, brotou-lhe um sorriso:  
“Confesso-me admirado!  
Na raça frágil dos homens  
Eu vejo um malandro ousado!

“Pra começar pelo termo:  
Não sei se você já sabe...  
Talvez que me conhecendo  
A sua ousadia acabe...  
‘Maior jogador do mundo’  
É título que me cabe!

“Eu sou um anjo do inferno  
O Mestre da Jogatina  
Acostumado a enganar  
A sua raça mofina  
Quem me desafia a mim  
Provoca a sorte malina.

“Agora explique direito  
A graça do seu rompante...  
Porque se intitula dono  
Dessa riqueza possante?  
Que fundamento teria  
Pra me chamar de tratante?”

“É fácil — eu retruquei  
Falando de modo exato — :  
O apelido que dei  
Você merece, de fato  
— Pois vejo que não cumpriu  
Os termos de seu contrato.

A esse cabra infeliz  
Você prometeu riqueza  
Assegurou a fortuna  
Com expressão de grandeza  
Mas ele caiu, por fim,  
Na mais completa pobreza.

Pagando o que era devido  
Na conta da exploração  
Seu capital encolheu  
Perdeu muita dimensão  
— E o resto ficou pra mim  
Por excelente razão.

Dinheiro, jóias, fazenda,  
Tudo que havia ajuntado  
As suas economias  
Os seus rebanhos de gado  
— À parte as compensações —  
Ganhei-lhe no carteadado.

E como, depois de tudo  
Ainda fica a dever  
Nos termos de nosso acerto  
— Que tem de reconhecer —  
O gajo se pôs, agora  
Debaixo do meu poder.”

*O Demo disse:* “Trapaça  
Eu noto aqui como fede!  
Embora ela seja bela  
Seu gosto não se concede...  
Tudo o que diz não é nada  
— Pois meu contrato precede!”

Mas eu atalhei de pronto:  
“Recolha seu estandarte!  
É força reconhecer  
Que não procedeu com arte.  
Não tem valor seu contrato  
Pois não cumpriu sua parte.

Segundo seus próprios termos  
— Com legítima certeza —  
Para que o trato valesse  
Tivesse plena firmeza  
Devia esse miserável  
Hoje gozar de riqueza.

Eu sinto muito dizer  
A Vossa Diabolência  
Que sua causa é perdida  
E cheia de impertinência  
Pois um compromisso fez  
Além de sua competência.”

O bicho ouvindo essa frase  
Rangiu os dentes raivoso  
Bateu com seu pé no chão  
Fazendo um som pavoroso  
Das ventas soltou fumaça  
Fez cara de furioso.

Talvez ele me atacasse  
Não fosse meu patuá...  
Mas não podia vencer  
A força dos orixás.  
Mudou de tática logo  
Tentando negociar.

“Eu reconheço que foi  
Um ótimo advogado  
Merece palmas e glórias  
Por ter de mim triunfado  
Mas quero ver se me vence  
De fato, no carteadado.



“Você, ao se apresentar,  
Mostrou orgulho profundo  
Querendo ser o primeiro  
Onde não tenho segundo  
Disse que é o porreta  
‘Maior jogador do mundo!’”

Eu atalhei: “Ora essa!  
A tudo já me dispus!  
Espero que meu baralho  
Nessa questão faça luz.”  
Dizendo isso, na mesa  
Botei as cartas em cruz.

O demo careteou  
E estremeceu de surpresa  
— Buldogue com dor de dentes  
Teria maior beleza —  
E com um rugido feroz  
Tentou rodear a mesa

Mas eu, que já esperava  
Tudo de seu embaraço  
Saltei de banda ligeiro  
E dei no Cujó com o laço  
Uma lambada tão forte  
Que lhe estalou o espinhaço

Enquanto o bicho berrava  
Igual a onça num fosso  
Estuporado e medonho  
No mais terrível sobroço  
Eu apertei com firmeza  
A corda no seu pescoço.

Nesse momento assisti  
Uma tremenda folia  
Mostrou o Demo que tem  
Força de grande magia  
A se virar com visagens  
De sua demagogia

Se transformou em leão  
Macacos e javali  
Onça pintada num fojo  
Cem cascavéis a parir  
Rinoceronte e camelo  
E búfalo, e sucuri.

Virou água de torrente  
Virou labareda pura  
Virou tanta porra estranha  
Que ainda tenho gastura  
Mas uma coisa não pôde:  
Foi livrar-se da abertura.

Pois eu não soltei o laço  
Que prendia o desgraçado  
Por mais que ele revirasse  
Com artes de espiritado;  
Tanto que o bicho cansou  
Tornando ao primeiro estado.

E declarou-me em seguida  
Com toda a sinceridade:  
“Confesso que estou vencido  
Por minha infelicidade!  
Desisto dessa disputa  
Mas peço-lhe a liberdade.

“Entrego a alma comprada  
Fazendo-lhe o juramento  
De nunca mais perturbar  
Vocês em nenhum momento.  
Caindo nas suas unhas  
Só alcancei sofrimento!

Estou feito um camundongo  
Preso na boca do gato  
Em prova de rendição  
Agora passei ao fato:  
Com minhas unhas de ferro  
Estou rasgando o contrato.”

Eu respondi ao danado:  
“Inda não sei se acredito...  
Está de conversa mole  
Porque se sentiu aflito...  
Acho que vou te amarrar  
Aos pés de São Benedito!”

O bicho deu caroara  
Suas juntas amoleceu  
Sua cabeleira dourada  
Em pregos se converteu  
Com voz de porca gripada  
O desgraçado gemeu:

“Em qualquer coisa lhe atendo  
Contanto que isto não faça...  
Juro que agora escutei  
A mais cruel ameaça.  
Aquele negro tremendo  
Acaba com minha raça!”

“Então obedeça logo  
E faça minha vontade  
Montado me leve bem  
Com toda a velocidade  
À encruzilhada serena  
Do tempo e da eternidade”.

O bicho no mesmo instante  
Me deu completa razão  
Se transformou num cavalo  
Com asas de gavião.  
Montado nele parti  
Atravessando a amplidão.

Chegamos rapidamente  
A um estranho lugar  
Onde parece que o céu  
É misturado com o mar  
E sobre as ondas vadias  
Se vê a terra nadar

Suave linha de luz  
Nas brumas aparecia  
Feito um fiapo da aurora  
Passando entre a noite e o dia.  
Terrível é a sentinela  
Que neste espaço vigia.

O bruto me disse então:  
“Aqui seu mundo termina!  
Não pode passar vivente  
Além dessa linha fina.  
Quem vela pelo decreto  
Tem natureza ferina.”

Foi só ele dizer isso  
Que eu já me entusiasmei:  
A linha leve, de um salto  
Bem rápido ultrapassei.  
(Como é que pude fazê-lo  
Até agora não sei).

Ainda hoje, lembrando,  
De me espantar não acabo:  
Um vulto logo surgiu  
Enorme, tremendo e brabo  
Com uma foice na mão  
Interpelando o diabo.

“Como é que você ousou  
Espírito impenitente  
Desafiar minha lei  
Que é fruto do Onipotente?  
Não sabe que dessa linha  
Não deve passar vivente?

“Agora o mal está feito!  
Não dá para corrigir.  
Não sei o que vai haver  
Que coisas estão por vir...  
Mas a você, desgraçado  
Eu não demoro a punir.”

Falando assim, ferozmente  
Aquele vulto agitou-se  
O diabo tentou correr  
Mas logo cantou a foice  
Tirou-lhe o chifre direito;  
O bruto quase acabou-se.

Porém ainda gritou:  
“A sorte é que sou eterno!  
Mas nunca anotei tamanha  
Desgraça no meu caderno...  
Cancão, se mande pro alto...  
Não quero Você no inferno!”

Quem anda com poesia  
Fala a verdade, não erra...  
O resto dessa aventura  
Que me retirou da terra  
Eu conto em outro cordel  
Nos versos de Ordep Serra.

